

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



ÉTICA, ENCONTRO E RESISTÊNCIA: TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS NEOLIBERAIS

Talia Schmachtenberg
Letícia Aline Back

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 5 – Trabalho, tecnologias, ética e processos formativos

Este trabalho objetiva apresentar parte das discussões produzidas a partir da pesquisa intitulada "Narrativas de professores(as) do ensino superior: docência em tempos neoliberais". A mesma teve como objetivo analisar as vivências e experiências de professoras e professores universitários em tempos neoliberais, buscando compreender os modos como o trabalho se entrelaça à vida. Em tempos neoliberais, o trabalho docente é constantemente atravessado por demandas de produtividade e desempenho. O neoliberalismo, mais do que um modelo econômico, configura-se como uma racionalidade que governa subjetividades (Han 2017; Foucault, 2008), produzindo sujeitos empreendedores de si, responsáveis por otimizarem seus próprios recursos, gerir seus afetos e tornar suas vidas rentáveis.

Nesse contexto, o fazer docente se torna também um espaço tensionado por forças distintas: entre o desejo e o dever, entre o tempo da criação e o tempo da urgência. O docente é convocado a ser multitarefas, sempre disponível, atualizado, inovador. Mas, nas frestas desse cotidiano saturado, emergem experiências que resistem à lógica do desempenho. A pesquisa foi desenvolvida a partir da cartografia, compreendida como um modo de acompanhar processos e afetos, mais do que representá-los (Deleuze; Guattari, 1995; Passos; Barros, 2009). A cartografia implica um gesto ético e político: estar com o campo, deixar-se afetar e seguir o movimento que a pesquisa produz. Assim, a pesquisadora não se coloca como observadora neutra, mas como participante implicada nas tramas que emergem. Participaram desta pesquisa seis professoras e professores universitários de uma instituição comunitária. As conversas ocorreram de forma aberta, sem roteiro rígido, em encontros marcados pelo vínculo e pela escuta. Optou-se por não gravar as falas, preservando o caráter vivo do diálogo e registrando os encontros em diário de campo. Esse diário se constituiu como um dispositivo de escrita e reflexão, bem como de produção e análise dos dados.

A análise das narrativas ocorreu de modo processual, acompanhando os movimentos que se produziam no campo e nos afetos. Foram construídos dois eixos: (1) Trabalho docente: entre o desejo e a exaustão; (2) O atravessamento do trabalho na vida: invisibilidade, conexão e autogestão. No primeiro eixo, o trabalho docente aparece como espaço de tensões. Entre o prazer em ensinar e a sobrecarga das exigências institucionais, as narrativas revelam um cotidiano atravessado

por prazos e avaliações contínuas. O neoliberalismo transforma a docência em um campo de performance, onde o valor do(a) professor(a) parece ser medido por sua produtividade. Byung-Chul Han (2017) descreve essa lógica como a “Sociedade do Cansaço”, na qual o sujeito se torna empreendedor de si mesmo, exaurido pelo imperativo de otimizar e produzir. A docência, nesse contexto, é vivida entre o desejo e a exaustão. Contudo, é também nesse espaço de tensão que se abrem frestas de criação.

Mesmo diante do cansaço, os docentes produzem sentido na relação com os estudantes, na partilha de saberes e no encontro com o outro. O vínculo emerge como força vital que sustenta o trabalho, abrindo o que Clot (2006) chama de “poder de agir”, uma potência que restitui o sentido e transforma o sofrimento em movimento. A docência se revela, assim, como um espaço paradoxal: mesmo atravessada por cansaços e impasses, segue produzindo e pulsando vida e relações. No segundo eixo, o atravessamento do trabalho na vida se faz visível. As fronteiras entre o pessoal e o profissional tornam-se quase inexistentes. As tecnologias digitais e a hiperconectividade instauram uma presença contínua do trabalho, um tempo sem pausas. Han (2018) denomina essa lógica de Psicopolítica, uma forma de poder que captura a liberdade e a transforma em controle. O sujeito neoliberal acredita agir por vontade própria, mas encontra-se preso em uma autogestão incessante de si. Foucault (2008) já havia apontado que as formas contemporâneas de poder operam não pela repressão, mas pela produção de sujeitos. Nesse sentido, a autogestão docente, o controle do próprio tempo, desempenho e afeto, revela-se como técnica de poder. No entanto, nas margens dessa lógica, emergem resistências silenciosas: professores/as que escolhem não responder mensagens fora do horário, que reservam pausas, que sustentam o encontro pedagógico como espaço de experiência e não de mera transmissão. Tais gestos, ainda que sutis, afirmam a possibilidade de viver o trabalho de outro modo.

Esses movimentos sugerem que a resistência não se dá apenas nas grandes rupturas, mas nas pequenas práticas cotidianas. Resistir é inventar modos de existir nas brechas da lógica que captura o tempo, é sustentar o desejo mesmo sob o peso do desempenho. Como afirma Safatle (2023), o sujeito neoliberal é aquele que se identifica com sua própria dominação; por isso, resistir passa por desidentificar-se, por criar espaços de desvio onde a vida possa se afirmar novamente. As narrativas docentes mostram que o trabalho no ensino superior é atravessado por intensas contradições. De um lado, o cansaço, a intensificação de trabalho e o sentimento de nunca ser suficiente; de outro, a potência do encontro e o prazer em ensinar. A docência se configura como território de coexistência entre o produtivismo neoliberal e a possibilidade de viver o trabalho como experiência e criação.

A pesquisa indicou que a resistência docente não se traduz apenas em contestação externa, mas em movimentos sutis que reconfiguram o tempo e o modo de estar no trabalho. Ao criar espaços de pausa, de cuidado e de escuta, os professores e professoras afirmam um outro tempo - o tempo da experiência e da presença. Inspirando-se em Foucault (2008) e Han (2017), pode-se compreender a resistência como uma prática de liberdade: uma arte de viver que se dá na contramão das capturas do poder. Habitar o trabalho com ética e sensibilidade é um gesto político, uma forma de reencantar o cotidiano e devolver à docência seu caráter de encontro. Resistir, aqui, é continuar inventando modos de existir em meio às forças que tentam nos definir. Mais do

que um diagnóstico ou conclusões definitivas, este trabalho propõe deslocamentos. Assim, mesmo em tempos neoliberais, a docência pode ser (e é!) espaço de criação, vínculo e transformação: uma aposta na produção de saúde e sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; Trabalho docente; Subjetivação.

REFERÊNCIA

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho.** Petrópolis: Vozes, 2006

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs.** v.1. Rio de Janeiro: Editora 34 Letras, 1995.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B.-C. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 17-46.